

JOSÉ DO PATROCÍNIO: UMA VOZ EM SEU ROMANCE ESQUECIDO

JOSE DO PATROCÍNIO: A VOICE IN HIS FORGOTTEN ROMANCE

Marcos Teixeira de Souza

Doutor em sociologia pela Universidade Candido Mendes (IUPERJ/UCAM)

prof1marcos@hotmail.com

Resumo: Parte da geração de 70 (e 80), do século XIX, foi influenciada por teses que alicerçaram um projeto de nação para o Brasil à época e que perduram, em alguma medida, até o presente. Dentre os intelectuais participantes desta geração, a voz e a escrita de José do Patrocínio figuram indubitavelmente entre as mais destacadas. Raramente seu nome é lembrado na História da Literatura Brasileira, embora fora um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras e autor de três romances, dentre eles, *Motta Coqueiro ou a pena de morte*, escrito em 1877. A obra referida rememora o caso real do último enforcamento no Brasil, o do fazendeiro Motta Coqueiro, suposto mandante de um violento crime ocorrido no norte fluminense em 1852, controverso até a presente data, contra uma família de agregados, que vivia nas terras do citado fazendeiro. Porém, não restrito ao evento trágico, o romancista leva perspicazmente o leitor para uma narrativa, que ressalta o drama dos negros e agregados na estrutura colonial; que desnuda os critérios de cor e classe social no Brasil colônia. O presente artigo reflete o papel da *Memória* como uma ferramenta manipulável, ativa e estratégica nas relações sociais e na literatura patrocíniana.

Palavras-chaves: José do Patrocínio. Literatura. Memória Social. Cor.

Abstract: In the 19th century, marked by Positivism, Evolutionism, Determinism, Scientism, Abolitionism and Republicanism, the 70's (and 80's) generation was influenced by thesis that served as basis of a project for a Brazilian nation at the time, which - to certain extent - remain until nowadays. Among the intellectuals of this generation, José do Patrocínio's voice and writing undoubtedly appear as one the most prominent. His name is rarely remembered in the Brazilian Literature History, although he had been one of the founding members of the Academia Brasileira de Letras and author of three novels, among which, *Motta Coqueiro ou a pena de morte*, written in 1877. This book recalls the last hanging in Brazil. The real case of the farmer Motta Coqueiro, who was alleged to have ordered the murder of a family that lived on his land, occurred in 1852, in northern Rio de Janeiro State, and remains questionable until nowadays. However, the novelist doesn't restrict the work to the tragic event, insightfully leading the reader to a narrative that emphasizes the Black people and rural workers' drama in the colonial structure; which exposes the color and social class criteria in Colonial Brazil. This article shows the role of the *Memory*, as a tractable, active and strategic tool in social relations and Patrocínio's literature.

Keywords: José do Patrocínio. Literature. Social memory. Color.

Considerações iniciais

O domínio de um grupo social sobre outro não necessariamente se exercita pela força das armas, da guerra. Deter armas e oprimir por meio delas um grupo específico pode ser o ponto menos forte numa luta entre classes sociais (e cores). O itinerário mais determinante para uma vitória em uma batalha entre grupos sociais (e raciais) heterogêneos por vezes se mostra, com mais vigor, no campo ideológico, em que a construção e a perpetuação de ideias, símbolos, memórias, histórias, teorias norteadoras, etc.; erigidas e solidificadas sob um valor de verdade, de ciência, de oficial, assumem um papel crucial para que um grupo suplante outro grupo.

À época das lutas abolicionistas, um pensador influente na intelectualidade brasileira, que defendia a inferioridade do negro, fora Arthur de Gobineau (1816-1882). As teses deste teórico sobre as raças humanas foram explicitadas na obra, de sua autoria, o *Ensaio sobre as desigualdades das raças humanas* (1855). Nesta obra, Gobineau via também o negro como uma raça inferior à branca, e aclarava que a miscigenação entre as raças humanas significava uma degeneração da espécie humana. Segundo o mais estudioso biógrafo de Gobineau, Georges Raeders (1988), este teórico francês, que se tornou amigo do Imperador Dom Pedro II, viveu um pouco mais de um ano no Brasil, na condição de diplomata e talvez tenha sido o principal pensador estrangeiro a deixar no imaginário coletivo e na intelectualidade brasileira o gérmen da inferioridade relativa aos negros e mestiços.

Uma memória social, em um contexto de luta, entre grupos étnicos diversos, constitui um instrumento de dominação, ao edificar um passado, segundo a ótica do grupo dominador, e decisivamente fazer dela uma memória dita oficial de toda uma sociedade que, embora esteja multifacetada em grupos diversos, passa a ouvir e a validar a memória do grupo hegemônico.

Desenvolvimento

Em *Racismo & Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo* (2007), defendendo a tese da existência de três dinâmicas na gênese do racismo, Carlos Moore, sobre uma das três, afirma que:

Building the way

- a) O processo simbólico pela qual uma coletividade, convertida em grupo dominante, secreta uma consciência grupal para a rejeição de uma alteridade especificamente fenotípica, com a finalidade de exercitar uma dominação grupal permanente sobre esta última; (MOORE, 2007, p. 247).

67

Ao que Moore (2007) expressa por *consciência grupal* assemelha a noção de memória coletiva, proposta por Halbwachs (2006). Partindo destes teóricos, é deduzível que a coletividade, carregada de um aparato ideológico-político premeditado e específico contra um grupo racial, exerce coerção social sobre este. Portanto, as marcas do sistema escravocrata sobre o negro escravizado não se canalizavam apenas no corpo, imposto ao trabalho servil e desumano. Era um corpo calejado e sofrido, não só devido à condição social – de escravizado – mas também à condição psíquica engendrada pela suposta inferioridade do negro, estrategicamente bem construída e veiculada por teorias raciais de fundamentação teológica, filosófica ou científica; naturalizadas na memória coletiva brasileira.

Ao negro escravizado, marcas de dor, de exclusão, de preconceitos, de dilemas que se comprimem tanto no corpo quanto no imaterial, ou seja, na consciência e na inconsciência, realçando uma suposta desigualdade racial e uma condição de subalternidade do negro, aparentemente inequívocas. Moore (2007), ao falar sobre uma das dinâmicas do racismo, entende que:

- c) A elaboração de estruturas intelectuais normativas (ideologias), especificamente destinadas a: primeiro, regulamentar as relações entre dominados e dominantes; segundo, inculcar um sentimento permanente de derrota no segmento subalternizado; e terceiro, criar uma convicção narcísica de inquestionável superioridade permanente e invulnerabilidade no setor dominante. (MOORE, 2007, p. 248).

Em outras palavras, tais marcas entranhavam sentimentos depreciativos na memória individual e coletiva. Por certo, a memória coletiva (e a dita oficial) da sociedade escravocrata do Brasil colônia sedimentava uma superioridade para o fenótipo branco, em oposição ao negro, tido como um ser inferior. Tal perspectiva vista como convicção pela coletividade brasileira, impunha ao negro duplamente um sentimento de inferioridade: primeiro, pela memória coletiva (ou dominante); e segundo, em consequência da ação e força desta na memória individual. Neste aspecto, cabe salientar o que considera Teresinha Bernardo (1998), em *Memória em* v. 12, n. 1

Building the way

branco e negro: olhares sobre São Paulo: Pelo recurso à memória, é possível também captar os sentimentos experimentados, pois a lembrança do acontecimento vivido faz com aflorem o ódio, o amor, a alegria, a tristeza, o conformismo, a revolta. (1998:33).

Na obra de *O inimigo cordial do Brasil* (1988), Raeders (1988) recupera, por meio de sua pesquisa, algumas falas de Gobineau no tocante à racialidade brasileira. Uma, dentre tantas que poderiam ser expostas como argumento para demonstrar o posicionamento contrário de Gobineau ao negro e ao mestiço:

Se o imperador é um ariano puro, ou quase, os brasileiros, ao contrário, não passam de mulatos da mais baixa categoria: “Uma população toda mulata, com sangue viciado, espírito viciado e feia de meter medo...” E vai mais longe: “Nenhum brasileiro é de sangue puro; as combinações dos casamentos entre brancos, indígenas e negros multiplicaram-se a tal ponto que as matizes da carnação são inúmeros, e tudo isso produziu, nas classes baixas e nas altas, uma degenerescência do mais triste aspecto”. [...] “Já não existe nenhuma família brasileira que não tenha sangue negro e índio nas veias; o resultado são compleições raquíticas que, se nem sempre repugnantes, são sempre desagradáveis aos olhos.” (RAEDERS, 1988, p. 89)

A obra já citada de Gobineau influenciou pensadores brasileiros como Nina Rodrigues, Sílvio Romero, Euclides da Cunha, entre outros. Não somente intelectuais, mas também a muitos governantes da nação brasileira, que, com base nas teorias de Gobineau, defenderiam e promoveriam a imigração européia nas últimas e primeiras décadas respectivamente do século XIX e XX. Sobre esta mentalidade eurocêntrica e gobinista dos governantes, o historiador Manuel Bonfim (1868-1932), desfere uma dura crítica em sua obra *Brasil Nação* (1998 [1931]):

No vazio da inteligência, com a grosseria das aspirações, incapazes de correspondência com a realidade, prontos a explorar o que a força e a riqueza material oferecem, os nossos dirigentes são prontos, igualmente, em aceitar quantos conceitos e juízos lhes dêem as suas curtas leituras, desde que se acordem à insuficiência de pensamento e grosseria de propósitos que os caracterizam. Assim se explica o empenho com que apelam para a imigração, o valor que lhe dão, as estutices que repetem, quanto à significação histórica do clima brasileiro, e, sobretudo, a empáfia bestial e antibrasileira com que repetem interesseiros, falsos e ferozes conceitos, argüidos pela falsa ciência, a serviço do colonialismo, contra os fracos escravizados de ontem, dominados e explorados hoje, em nome de uma pretensa superioridade de raças. (BONFIM, 1998, p. 561)

Building the way

Estas teorias raciais encontraram receptividade na sociedade brasileira, e nas elites intelectuais e políticas. Em razão da pluralidade étnica brasileira, tornou-se uma serventia política para instrumento de dominação por parte de uma elite branca. Estas teorias e falas, mais vigorosamente as de Gobineau, teceram uma memória coletiva nefasta na sociedade brasileira contra o negro, concorrendo para que o negro fosse visto na sociedade como sinônimo de inferior, feio, desprovido de talentos, de intelectualidade, etc. Esta memória coletiva (e dominante) direcionava o negro à subalternidade.

Em meio a um *status* de cientificidade e de verdade, o pensamento de Gobineau, entre outros, reforçaram a naturalização da suposta subalternidade do negro no âmbito social e racial. Emergentes na intelectualidade e memória brasileiras, não se ausentam no que concerne ao texto literário brasileiro. Para Domício Proença Filho (2004:01), *a presença do negro na literatura brasileira não escapa ao processo marginalizador que, desde as instâncias fundadoras, marca a etnia no processo de construção de nossa identidade.*

A década de 70 do século XIX, para Bosi (2006), na intelectualidade e na literatura brasileira, constituiu praticamente um divisor no meio literário brasileiro, um momento florescente para uma literatura antirromântica e promotora de assuntos mais consonantes com a nação, entre estes o papel do negro na sociedade brasileira. Segundo Bosi (2006), com Tobias Barreto e a chamada Escola de Recife cresceram no meio literário toda uma elite pensante, a qual exerceria uma expressiva importância no desenvolvimento das ideias culturais, políticas e sociais no Brasil.

É toda uma geração que começa a escrever por voltar de 1875-80 e a afirmar o novo espírito crítico aplicando-o às várias faces da nossa realidade: Capistrano de Abreu no trato da História; Sílvia Romero, cobrindo com sua fortíssima paixão intelectual a teoria da cultura, as letras, a etnografia e o folclore; Araripe Júnior e José Veríssimo, voltados de modo intensivo para a crítica; (...); enfim, Joaquim Nabuco e Rui Barbosa, que exprimiram superiormente a vida social brasileira dos fins do século passado e dela participaram não só como escritores, mas também como grandes homens públicos de estirpe liberal.

Crescidos também nessa cultura, João Ribeiro, Euclides da Cunha, Alberto Torres, Oliveira Viana e Manuel Bonfim souberam, porém, transcendê-la em certos aspectos, motivo por que é preferível estudá-los imediatamente antes dos modernistas. (BOSI, 2006, p. 245)

Building the way

Engendrado neste contexto supracitado, o romance *Motta Coqueiro ou a pena de morte*, escrito em 1877, de autoria do abolicionista José do Patrocínio, alimenta-se dos diversos debates e polêmicas, bem como da florescência intelectual deste período, no qual uma intelectualidade vigorosa intenta rediscutir o país. Mancebo, com seus vinte e quatro anos ainda, Patrocínio, à época da confecção do romance, não gozava ainda o *status* de um intelectual reconhecido. No entanto, mostra-se como mais um nascente homem das letras neste período.

Com seu primeiro romance, escrito de forma lúcida e perspicaz, trazendo à tona o espaço colonial e o problematizando a partir de referências teóricas e científicas da época, como o Positivismo, Abolicionismo, Escravismo, etc., o jovem escritor campista surpreende a Literatura Brasileira com um romance singular não só por retratar a sina de Motta Coqueiro, mas também por articular com desenvoltura ficcionalidade e realidade, sublinhando nela um tom abolicionista, anti-latifundiário e anti-colonial, tons estes que se manifestam por meio das vozes e memórias explicitadas pelos personagens socialmente desprestigiados no romance.

Paralelamente ou buscando a centralidade na obra, problematiza o dilema de cor na sociedade brasileira, por meio de uma situação específica (a dos escravos do Sítio de Macabu, área situada no norte fluminense), enunciando e denunciando, em maior ou menor grau, o drama do negro no Brasil.

Com vinte e quatro anos, não insensível à escravidão e ao dilema de cor e classe social na sociedade fluminense e brasileira, antes se sentindo pertencente a estes dilemas, José do Patrocínio leva para sua primeira prosa estas questões, envoltas em suas memórias individuais tanto na infância quanto na juventude, além das coletivas que povoavam na sociedade.

Dois exemplos, na obra, norteiam uma memória dominante (e coletiva) sobre o negro como sinônimo de inferior: um deles se refere a uma fala do personagem Juca; e outra diz respeito ao tratamento dado ao personagem Manuel João ante a seus dois amigos Oliveira Viana e Sebastião.

Quanto ao primeiro exemplo, a memória coletiva da sociedade fluminense e brasileira relativa à cor negra encontra-se devidamente representada em uma fala expressiva do personagem Juca, filho de Francisco Benedito, servindo como um ponto de partida para compreender o dilema de cor:

Building the way

Oh! negro, gritou Juca Benedito, não me obrigues a fazer com que conheças o teu lugar! Olha que o subdelegado ainda tem *bacalhaus* em casa para quebrar a proa aos *perrengues* malcriados! (PATROCÍNIO, 1977, p.161).

71

O que o personagem Juca diz, às claras e sem eufemismos, é que existem posições sociais pré-definidas na sociedade. A posição do negro, na memória de Juca e na memória coletiva brasileira, tem de ser inferior em relação ao branco. Este incidente entre o filho de Francisco Benedito e o feitor Fidélis parece ter sido o único embate físico entre brancos e negros no romance. O que prevaleceria, no enredo construído por Patrocínio, no tocante aos conflitos inter-raciais, seria o embate psicológico não-direto, em que alguns personagens negros, apesar de coadjuvantes na obra, assumiriam o protagonismo no âmbito do relato da cor na estrutura social apresentada no romance, que tipificava também a sociedade rural e citadina do tempo de Patrocínio. Em muitas passagens, fica nítido o interesse do autor em dar voz a alguns personagens negros em relação ao drama da cor negra no cenário do latifúndio rural.

As falas e memórias dos personagens negros sobre a escravidão, o dilema da cor, a posição subalterna destes na estrutura social, entre outros aspectos, são geralmente postas em diálogo com o semelhante, ou seja, com outro membro da mesma cor, o qual tende a compreender as problemáticas inerentes à cor e à classe social. Elas não são concebidas no diálogo geralmente com o opressor branco, e tal característica geralmente imprime a elas, para o leitor, uma feição de monólogo, de desabafo, de introspecção, em virtude da punição física e psicológica a que estavam sujeitos, caso rompesse com a estrutura colonial, na qual figurava um quadro típico cujo negro escravo estava em silêncio e sob as ordens irrestritas do senhor branco:

Às vezes o serviço era dirigido pelo senhor em pessoa; mas o aspecto da casa não se alterava, porque vindo só para o sítio, Motta Coqueiro apenas era visto em casa quando de manhã muito cedo ditava ordens ao seu feitor ou à noite ouvia dele a narração do serviço feito. Em face deles quedavam então os escravos alinhados e taciturnos. (PATROCÍNIO, 1977, p.42)

Como artefato do processo de criação de um romance, a memória individual e a memória coletiva, retomando Halbwachs (2006), explica com

Building the way

razoabilidade o enredo a que Patrocínio é levado a traçar. Do ponto de vista da concepção bergsoniana de que o passado se move para o presente (BERGSON, 2006, p. 47), convém dizer que no romance *Motta Coqueiro ou a pena de morte*, Patrocínio se vale certamente de suas memórias pessoais, auferidas até a data em que escrevera seu primeiro romance; e de uma memória coletiva arraigada e presente na sociedade brasileira, calcada numa ideologia pró-inferioridade psicossocial do negro.

Na confecção do romance, o qual é construído e embasado, em muitos momentos, com dados de uma memória individual e coletiva, deve-se ponderar também que inexiste um limite contínuo e inequívoco entre a memória individual do autor e memória coletiva de seu tempo. Conforme explica Halbwachs, as duas memórias (a pessoal e a social) não estão dissociadas, separadas, e sim intercambiantes, inter-auxiliares mutuamente, como escreve Halbwachs (2006):

Se essas duas memórias interpenetram com frequência, especialmente se a memória individual, para confirmar algumas de suas lembranças, para torná-las mais exatas, e até mesmo para preencher algumas de suas lacunas, pode se apoiar na memória coletiva. (HALBWACHS, 2006, p. 71).

A memória individual de Patrocínio e a memória coletiva a respeito do negro na estrutura escravocrata se entrecruzam, logo definir um limite entre o início de uma ou o término da outra não constitui uma tarefa a princípio realizável. Porém, o resultado, ou seja, o romance escrito pode-se dizer que é fruto de uma mistura das memórias do autor e das do autor formadas ou tidas no contato com o coletivo, que geram um romance peculiar no tocante às relações raciais entre brancos e negros, dado a condição de ser também um romancista e abolicionista. Esta citação de Halbwachs (2006) colabora para lançar a tese de que Patrocínio escreveu seu primeiro romance mergulhado entre dois mares: o da Abolição, no qual ele emergia como uma voz possante; e no mar da ignorância da cientificidade europeia e brasileira, que concebia a inferioridade do negro em relação ao homem branco.

Entrecortando-se a este dois mares, como um homem hábil nas palavras, Patrocínio consegue retratar com destreza uma memória da escravidão, tanto pelo prisma do *status quo*, ao construir toda uma colonialidade e normalidade de dominação e opressão na relação *senhor branco* e *escravo negro*; quanto em chamar

v. 12, n. 1

Building the way

a atenção para o drama dos escravos, especialmente, por meio da personagem Balbina, elevando assim seu tom abolicionista, mostrando a escravidão como uma mazela social e psíquica.

Relevante nestes 'dois mares', a memória dominante sobre a inferioridade do negro, além da fala de Juca, no texto, ainda que em nível mais implícito ou subliminar, porém, tais características a fazem mais sutis e vigorosas como um exemplo da memória dominante é a tríade *Oliveira Viana*, *Sebastião Pereira* e *Manuel João*.

Esses três personagens ao longo da trama aparecem geralmente juntos, unidos em prol da conquista por uma das três filhas de Francisco Benedito. A forma como são descritos revela que há uma gradação entre os três, em que Oliveira Viana e Sebastião aparentam ser racional e emocionalmente mais equilibrados do que Manuel João. Em hipótese, a teorizações reinantes, na época da tragédia de Macabu e do tempo de Patrocínio, de que o branco seria um ser humano mais dotado psicologicamente que o negro e o mestiço. Patrocínio não explicita no seu texto a raça de Oliveira Viana e de Sebastião Pereira. Sugere, porém, pela posição social tida e pela ausência da problematização de cor em paralelo a Manuel João, no desenvolver da tentativa de conquistar as filhas de Francisco Benedito, que Oliveira Viana e Sebastião Pereira fossem indivíduos de cor branca. Mas expõe, para sobrelevar uma problemática, a raça de Manuel João, e logo na primeira citação, na qual ocorre a enunciação dos três novos personagens no enredo:

Havia três indivíduos a quem tamanha familiaridade incomodava. Eram eles Manuel João, um mulatinho de vinte e poucos anos, bem apessoado e falante, - um pernóstico, segundo o Viana da venda; o Sebastião Pereira, robusto rapaz que morava perto das terras de Coqueiro, e muito conhecido pela perícia em tocar viola e cantar o desafio; e o Viana da venda já meio maduro - como dizia o André inspetor, e creio mesmo que ligado por laços matrimoniais. Cada um desses três indivíduos suspirava muito em segredo por uma das morenas do Chico Benedito - por *pena* das pobres raparigas. (PATROCÍNIO, 1977, p. 44)

A questão racial de Manuel João é posta ao lado de uma visão de Viana, isto é, de um branco que classifica, caracteriza, julga aquele: *um pernóstico*, no sentido de um *espevitado*. Não aparece a visão de Manuel João sobre o Viana, e sim

Building the way

o contrário, o que reforça a concepção, calcada numa memória dominante que o negro pode ser retratado inferiormente por um branco, e não o contrário.

Convém ressaltar que Oliveira Viana não é retratado por Patrocínio como uma figura benéfica, no sentido de ser um bom caráter, como bem se exemplifica nesta passagem:

A crueldade dos desdêns de Viana contiveram a desgraçada moça. Ao passo que o insultador, despeitado, afastava-se ela quedava perplexa, não adiantava. Havia desfeito entre eles um grande charco de lodo; - era o caráter do vendeiro. (PATROCÍNIO, 1977, p. 139)

Ainda que mau caráter, prevalece no texto um *Viana* inteligente, articulador, líder entre os três postulantes ao amor das filhas de Benedito.

Com a boa vontade de um sequioso que farta-se a beber água salobra, o vendeiro saciava neste martírio a sua desforra indigna; corvejavam-lhe jubilosos, sobre a hediondez do caráter, os instintos da perversidade fria e calculista. (PATROCÍNIO, 1977, p. 145)

E ainda:

O vendeiro, hipócrita como todo um mosteiro e astuto como cinquenta raposas; percebeu logo que a situação do triunvirato era perigosa. (PATROCÍNIO, 1977, p. 78).

Por outro lado, Manuel João é visto no romance como um indivíduo temperamental, desequilibrado.

Despertado ao torpor, que o avassalara, pelo barulho dos escravos, Manuel João acompanhou-os até o terreiro com aparente bom humor, levando o seu recalcar de sofrimentos ao ponto de sorrir benevolmente à repetição da censura, que na véspera lhe havia sido feita pelo amo. (PATROCÍNIO, 1977, p. 86)

O episódio no qual Manuel João e Mariquinhas se encontram à noite sozinhos na sala da casa de Benedito demonstra também o destempero visto pelas teorias da degeneração como característico do mulato:

- Não brinque, sá Mariquinhas; eu não saio hoje daqui sem saber se devo viver ou morrer. Eu não vim cá por sá Antonica; eu vim para certificar-me de que você me estima. Quero que jure-me, que repita

Building the way

uma, cem vezes: eu só serei tua, só tua... (PATROCÍNIO, 1977, p. 101).

Por falar neste episódio, além de ser rico a título de exemplificação, é emblemático no que se refere à caracterização do homem negro ou mulato, tido como violento e lascivo. Abundam neste acontecimento e em outros, no enredo, que apontam para esta crença, oriundas da memória dominante e de supostas teorias científicas, como se observam abaixo:

Um observador perspicaz, ao ouvir estas palavras, compreenderia imediatamente que na memória de Manuel João desenhava-se na suavidade do seu amorenado a pedir uma paixão selvagem, indômita, a imagem de Mariquinhas. (PATROCÍNIO, 1977, p. 62)

Desde que Manuel João empregara-se como feitor no sítio de Motta Coqueiro, íntimas relações foram travadas entre eles. Separados durante o dia em virtude de suas posições, ela - escrava do *eito* e ele - feitor, reuniam-se à noite na igualdade do amor, e ceavam juntos entre risos e carícias. (PATROCÍNIO, 1977, p. 64)

O seu plano de sedução malogrou-se, era mister levar a cabo o segundo: o da violência.

Levou a mão a cinta; estava desarmado; voltou então para junto de Mariquinhas e, travando-lhe do punho, disse-lhe com um acento que a fez tremer:

- Uma palavra mais, e eu que te estimo como um doido, arranco-te a língua como um malvado. Olha que já há noites que eu penso nisto; enforcem-me depois, mas eu hei de chamar-te minha hoje, já... Uma palavra mais e... esta casa tem armas e no meu pulso há força. (PATROCÍNIO, 1977, p. 101)

A abundância destas citações ao longo da trama sobre o temperamento e comportamento de Manuel João, aliadas às ausências de exemplos semelhantes no tocante às caracterizações e às ações de Oliveira Viana e Sebastião Pereira, depõem contra o feitor, desqualificam o personagem negro ou mestiço, por mais que os três personagens sejam de caráter enganoso:

- Está bom, está bom, *seu Viana*; nenhum de nós engana um ao outro; você não quer nem queria casar-se com Antonica e podia fazer como nós, não quis por tolo. Venha daí e veja se acomoda o velho. Nós temos sido amigos até hoje e não devemos brigar por cousas de pouca monta. A zanga da menina há de passar; assim seja você bom para ela agora. (PATROCÍNIO, 1977, p. 146).

Building the way

76

A construção de uma memória dominante sobre o negro e o mestiço como sinônimo de inferior, como já se demonstrou, não veio por meio da Literatura. Esta foi apenas uma das ressonâncias na sociedade brasileira. No romance de Patrocínio, destaca-se a fala de Juca, sem sutilezas e direta ao negro, que marca uma diferenciação a respeito do lugar do negro, ou seja, subalterno, em relação ao homem branco. Tal fala, amparada na memória dominante (e coletiva) contrasta com a sutileza da desigualdade racial entre o homem branco e negro, retratada conjuntamente na tríade *Oliveira Viana*, *Sebastião* e *Manuel João*, que apontam novamente para uma subalternidade do negro, bem como reforçam estereótipos veiculados pelas teorias racistas no século XIX.

Considerações finais

Ao longo do século XIX, a problemática da escravidão no Brasil foi uma das principais pautas de discussões na política e na sociedade. Como desdobramento, era paralelamente discutido o papel do negro numa sociedade escravocrata e numa sociedade pós-escravocrata, caso a abolição se efetivasse, dividindo setores da sociedade civil e política, entre favoráveis e contrários à Abolição.

Além da vivência na Fazenda do Imbé, que lhe fornecera um contato próximo aos escravos e aos dramas e dilemas destes, num segundo momento, passando a viver sozinho na corte, é que José do Patrocínio passaria a conhecer o dilema da escravidão por outra face: o sentimento de ser um escravizado. As relações de trabalho na Santa Casa de Misericórdia e na Casa de saúde Bom Jesus foram consideradas por Patrocínio uma espécie de escravidão, dado o salário ínfimo que recebia e as condições de trabalho.

Pondo-as no papel – em folhetim, alcançando assim de certa forma as massas – diante da sociedade do seu tempo, seja de forma implícita ou não, a memória pessoal de Patrocínio sobre a escravidão aclara nas páginas do romance de uma forma contundente, mostrando as vilezas das relações escravocratas, relevando os dilemas de cor e classe social na sociedade, aprofundando questões não muito levantadas por outros romancistas de sua época, por exemplo, os eminentes Machado de Assis e José de Alencar.

Building the way

À medida que o leitor passa a ter contato com a biografia do autor campista, percebe lembranças, conflitos e dilemas oriundos da memória do autor postos na vida, memórias e ações de vários personagens na obra, sejam elas masculinas ou femininas. Misturada ao texto ficcional, existe na obra uma memória pessoal que se revela às vezes com uma proposta de memória social da escravidão, visto que na obra o autor retrata a sociedade (especialmente a rural), a bem da verdade, a partir de seu prisma, tal como ela é, com um olhar realista, que torna o romance não só uma obra literária, mas também um registro da escravidão, um documento, cujas linhas explicitam uma sociedade perversa contra o negro, mesmo tendo neste romance um protagonista branco enforcado, no entender de Patrocínio, de modo injusto.

REFERÊNCIAS

- BERGSON, Henri. *Memória e vida; textos escolhidos por Gilles Deleuze*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BONFIM, Manuel. *O Brasil nação*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 43ª Ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.
- BRUZZI, Nilo. *José do Patrocínio, romancista*. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1959.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- MOORE, Carlos. *Racismo & sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.
- PATROCÍNIO, José do. *Motta Coqueiro ou a pena de morte*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves/SEEC, 1977.
- POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Cpdoc/Fundação Getúlio Vargas. v.2, nº 3, 1989. p. 3-15.
- RAEDERS, Georges. *O inimigo cordial do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.